

# A poesia de Ruth Guimarães: pedrinhas de luz, lastro brilhante



## *Juraci Conceição de Faria*

Professora, Poeta e Escritora. Mestre em Educação e Doutora em Educação Matemática pela UNICAMP. Licenciada em Matemática pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena atuou como professora de matemática na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e docente do Ensino Superior na UNISAL, UNITAU, UNIFATEA, UNIP, UMESP e UNESP-Guaratinguetá. Autora de capítulos de livros e artigos científicos na área de Educação Matemática abordando temáticas sobre a vida e a obra de Malba Tahan. Autora da obra infantil **A Estrelinha e a Flor-de-liz** e dos livros de poesia **Manto Sagrado e Memorial do Monastério**. Também é membro da Academia de Letras de Lorena e do Instituto Ruth Guimarães.

A menina que nasceu em Cachoeira Paulista, às margens do Paraíba, aos 13 de junho de 1920, foi a primeira escritora brasileira negra do século XX que conseguiu projetar-se nacionalmente desde o lançamento de seu primeiro livro, o romance **Água funda** (1946), obra que até hoje tem sido reeditada<sup>1</sup>, graças ao sucesso de público e de crítica.

A história, que se passa num Brasil onde as pessoas negras ainda eram escravizadas, encontra seu cenário na fazenda Olhos D' Água, localizada aos pés da Serra da Mantiqueira. Narrado como uma contação de caso, a primeira parte do romance relata os acontecimentos da Casa Grande e a vida das sinhás para, posteriormente, mergulhar no cotidiano dos capatazes e dos outros trabalhadores da fazenda. A atmosfera, conquanto, toma proporções mágicas devido à superstição profundamente firmada no imaginário dos moradores.

Obra de referência entre os grandes literatos brasileiros – Antônio Cândido, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Brito Broca, Álvaro Lins e outros –, as críticas e uma entrevista com Ruth Guimarães, publicadas nos jornais e revistas da época, foram compiladas e constam da última edição de **Água funda**<sup>2</sup>. Dessa louvável seleção, trago à luz um fragmento da matéria assinada pelo crítico literário do **Diário de S. Paulo**, Antônio Cândido, publicada em 14/11/1946, em que enaltece a obra de estreia da romancista e anuncia a escritora de “primeira ordem” que Ruth Guimarães se tornaria e que ele passou a admirar.

1 1ª Edição de *Água funda*: Livraria Revista do Globo, 1946; 2ª Edição: Nova Fronteira, 2003; 3ª Edição: Edição 34, 2018.

2 Excertos da *Crítica e uma Entrevista e Fortuna Crítica de Água Funda* (Guimarães, 2018, p. 183 – 195).

A melhor qualidade do romance de estreia da sra. Ruth Guimarães, **Água funda**, é o tom pessoal. [...] a jovem escritora ouviu apenas a sua vocação e, sem preocupar-se com moda ou tendência do público, escreveu uma obra impulsionada por nítida exigência interior. *Água funda*, graças a esta impressão, refresca agradavelmente a nossa sensibilidade e revela uma escritora que poderá atingir um nível literário de primeira ordem. [...] Quem começa desta maneira irá, certamente, muito alto na carreira de escritor.

Esse alto nível literário de Ruth Guimarães foi enaltido cinco décadas depois por Antônio Cândido no prefácio que ele redige para a segunda edição de **Água funda** (2003), no qual o renomado crítico confessou ter ele sido profundamente afetado pelo linguajar regionalista da obra, de e que Ruth se apropria com maestria e “obedece à disciplina da gramática e, ao mesmo tempo, parece sair da boca do povo rústico”. Verdade maior sobre esse linguajar “arresado” de *Água funda* encontra-se numa carta que Ruth Guimarães dirige a Mario de Andrade - seu professor que a introduziu nos estudos da cultura popular - em que tardiamente confessa ao seu mestre que muito ensaiou levar até ele os originais de **Água funda** e a real justificativa de ter perpetrado em sua obra a linguagem do povo caipira (**Revista Ângulo**, 2014, p. 51):

[...] ah! você ia se admirar, tenho a certeza, eu escrevia do jeitinho que você recomendava: fácil, sincera, descuidada, prosa brasileira sem nada dentro, mas com aquela filosofia que somente se encontra na linguagem do povo. E tudo isso não por mérito meu, mas

porque, modéstia à parte, eu sou caipira mesmo, e era, então, uma caipirinha sem nenhum polimento.

Era isso. Eu queria ir à rua Lopes Chaves e contar que o linguajar arrevesado, tão português, que eu andava perpetrando era uma espécie de demonstração de matuta, que põe sapatos de salto para se casar na igreja e depois não sabe andar.

Eu me dizia: “Amanhã eu vou lá.” (Tanta coisa para contar). E no outro dia eu sempre ia amanhã, como os macaquinhos jurupixuna, da boca preta.

Um dia sem mais nem menos você me morreu. [...]

Esse mesmo linguajar da “prosa brasileira” de Ruth nesse trecho de sua carta a Mario de Andrade é a de Ruth em **Água funda**. Linguagem excepcionalmente criativa, apreendida por Brito Broca em seu artigo do Suplemento de Letras e Artes de **A Manhã**, publicado em 8/9/1946, em que o escritor valeparaibano afirma que “nessa obra, Ruth Guimarães passou todas suas impressões pelo crivo da arte, dando-nos uma verdadeira rapsódia sertaneja, cheia de encanto e discreta emoção. É bem a gente do mato que ouvimos nessas páginas, com seu falar natural, embora se confundindo por vezes, com as próprias figuras dos contos de fada”. A título de exemplificação, um dos trechos de **Água funda** ilustra o encanto deste “linguajar arrevesado” que nos trazem a fala caipirada de seus personagens e a miúda vida interiorana cujo valor Ruth soube, como nenhum outro escritor, reconhecer, dar-lhe voz e, com isso, fazer o re-

gistro da vida de nossa gente do Vale do Paraíba (Guimarães, 2018, p. 43-44):

O cavaleiro vinha que vinha, pacatá, pacatá, levantando um poeirão na estrada. Quem será, quem não será, o pessoal da capina largou de mão o guatambu e ficou olhando. O sol doía na vista, tão claro, tão quente! Seu Pedro Gomes é quem conta: “Então nós ficamos esperando o homem chegar. Veio vindo numa nuvem de pó, e o chão estremecia com o tropel do cavalo. Quando estava mais perto gritou: ‘Bom dia, moçada!’ ‘m dia!’ ‘Podem me dizer onde é a casa do dono da fazenda?’ ‘Não é dono, nhor não, é dona.’ E um apontou – ‘Virando aquele caminho ali e depois subindo a rampa que começa no monjolo, logo em cima é a casa da Sinhá.’ ‘Deus le guarde, té mais, moçada.’ ‘Vá com Deus: té mais.’ Que era um moço bem parecido, isso era. Ninguém pode negar. Botou o cavalo a trote e subiu a rampa onde hoje é o moinho. Nós ficamos olhando. Moço! Arreio com debrum de prata, espora de prata, um poncho que era uma riqueza. Tinha até estrelas de prata na fita do chapelão de couro. Os camaradas olharam uns para os outros. ‘Rico, heim?’ ‘É.’ ‘Quem será?’ ‘Prá mim é o filho do dono da Fazenda Limoeiro.’ ‘An!!! Vá ver que quer comprar esta fazenda também. Não chega uma...’ ‘Vá ver...’ ‘Se ele quiser, Sinhá vende. Anda tão sozinha!’ ‘Qual o quê! Vende nada!’ ‘Aquela não sai daqui.’ ‘Se está sozinha, está porque quer.’ ‘Quem semeia vento...’ Ainda olhamos bem o cavalo alazão, bonito que era um gosto ver-se. Mas, por mais que a gente olhasse, não viu a desgraça na garupa do moço. Só o meu Tonho, que era uma isca de gente, correu para dentro, com medo. E o Biguá, um fuça-fuça

de marca maior, que lambia lampeiro tudo quanto chegasse aqui, pegou a latir, a latir, que foi um despropósito. ‘Quieto, Biguá! Quieto!’ E ele latindo. ‘Passa fora, cachorro ordinário. Que barulheira é essa, fora de tempo?’ ‘Passa!’ Biguá ainda saiu na carreira, atrás do cavalo, latindo. Nenhum de nós desconfiou daquela ojeriza. O Tonho e o Biguá estavam pressentindo ou vendo coisas. Os olhos deles tinham outro poder, que os de nós, pecadores, não tinham. Viam mais. Criança e cachorro nunca se enganam.

Já na crítica de Álvaro Lins, publicada no **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro, 3/1/1947), o escritor extrai dessa obra inaugural de Ruth Guimarães a sua principal qualidade, o espírito poético da criação literária: “Do seu espírito, revelado em **Água funda**, podemos dizer que é um realismo poético. Ela sentiu a realidade de uma região para exprimi-la sem outra intenção que não fosse a verdade artística. E esta é a sua principal qualidade: o espírito poético da criação literária”. Prossegue tecendo a mesma linha de comentários elogiosos destacando o tripé da sustentação da referida obra: “o seu **Água funda**, sem cair na banalidade do documentário, é um livro que revela excelentemente os principais aspectos de uma região interior, com espírito poético de criação e seguro aparelhamento folclórico” (Guimarães, 2018, p. 188).

Revisitando as páginas do romance, podemos encontrar o “espírito poético de sua criação literária” como um fio invisível da trama tecida pela autora e que, sutilmente, vai prendendo nosso olhar, convidando-nos para a leitura de cada parágrafo. Eis um desses fios, im-

buídos da mais pura poesia com a qual Ruth nos apresenta lugares e personagens, tecendo a sua trama literária tão viva, tão real, tão poética que vai nos enredando até os capítulos finais do romance (Guimarães, 2018, p. 27):

O amor está de emboscada à beira destes caminhos. Está no cheiro de mato verde, pisado, ou molhado de chuva. Está no itê das frutas. Está na quentura do sol e no verde destas paragens. É que nem fojo do caçador, em carreiro de anta, ou então que nem armadilha de pegar passarinho cantador.

Sinhazinha vinha desprevenida e caiu no laço.

Quando chega o tempo, as coisas acontecem. Antes, vem o aviso. Viu os pessegueiros como estão? Carregados de flor, como coisa que um enxame de abelhas cor-de-rosa grudou nos galhos. Daqui a nada, o mês que vem, o mais tardar, está tudo assim de pêssego, crescendo.

Ninguém repara, mas tudo se enfeita quando o amor está para chegar. O cafezal se enfolha tanto, na florada, e fica tão bonito, enfeitado de branco, que dá pena pensar que é por pouco tempo. Flor fica mais cheirosa quando está para virar fruta. Até passarinho muda a pena para se acasalar. Formiga, que é formiga, cria asa e anda tonta no céu, amando com o sol quente. É verdade que cria asa para se perder, mas tem que ser assim.

Para achar tudo isso bonito é só olhar sem malícia e de coração limpo.

Sinhazinha estava de vez e floresceu, assim como os pessegueiros florescem antes de dar fruta. Ficou linda, linda, que era ver, mal comparando,

uma santa. Somente que, em vez de trazer o resplendor em volta da cabeça, trazia dentro dos olhos.

Assim como Sinhazinha, eu também vinha desprevenida e, como ela, caí no laço da poesia de Ruth Guimarães! Outras prosas poéticas da referida obra esperavam-me, de emboscada em emboscada, capítulo por capítulo. Felizmente, tornei-me presa fácil das artimanhas poéticas da jovem escritora do Vale do Paraíba que, na opinião de Guimarães Rosa, “Ruth era a revelação literária de 1946” e “escreve como uma fada escreveria”<sup>3</sup>. De fato, a “fada da literatura” que encantou Guimarães Rosa continua encantando a todos nós com a mais delicada poesia com que a romancista foi capaz de tecer cada parágrafo de sua **Água funda**:

Olhe daqui. A paineira já existia e devia estar florida. As andorinhas que vêm voltando, não se sabe de onde para estes beirais encardidos, vinham voltando também. Antes disso, a paineira florescia e as andorinhas iam e vinham todos os anos. Depois disso, a paineira floresce e as andorinhas vão e voltam. Engraçado! As coisas mais bonitas são as mais repetidas e a gente nem percebe. Deus, mal comparando, é como Zé da Lucinda com a violinha dele. O Zé toca tudo o que aparece. Mas do que ele gosta mesmo é de uma toadinha só, repenicada no

machete, uma coisinha à toa, sem mudança, sem floreado, cantiga mole e gostosa pra noite de lua. Deus é assim (Guimarães, 2018, p. 23).

Setembro tinha chegado e a baixada floresceu. Joca foi pelo mato, abaixado, escondido. Só pra ver aquela diaba passar, quase que não paga a pena. Não pagava a pena, mas foi. Ficou de quatro, atrás das primeiras touceiras de barba-de-bode. A mina onde iam buscar água para beber era uma lindessa. Limpa, limpa, vertendo sem parar. A mo'que aquele olho-d'água brotou de propósito na beira da estrada, mas dentro um pouco, para matar a sede de quanto andante passasse. [...] Dali a pouco ela voltou com o pote cheio, respingando água. Um gota brilharam um instantinho ao sol e foram ao chão. Outras molharam o vestido dela e se encompridaram, provocando arrepios na carne moça e rija. E outras que despencaram nos cabelos, ficaram brilhando naquele negrume de noite fechada, ficaram brilhando feito pingos de sol. Joca viu, quando, antes de chegar à curva, com o vento que deu, a paineira choveu flor em cima dela (Guimarães, 2018, p. 107-108).

Foi catando, pois, as pedrinhas da prosa poética de Ruth Guimarães em **Água funda** que nasceu a grande questão norteadora da presente pesquisa: Ruth era poeta? Publicou seus poemas? Quem eram seus poetas preferidos? Como foi tecida, ao longo de seus 93 anos de vida (1920 – 2014), a obra poética desta escritora que “escreve como uma fada escreveria”?

Na entrevista que Ruth Guimarães concedeu a Nelson Vainer no efervescer do sucesso literário de sua obra inaugu-

<sup>3</sup> No autógrafo que concede a Ruth Guimarães em **Grande Sertão: veredas**, Guimarães Rosa deixa registrado um elogio que exprime sua sincera admiração e seu profundo respeito: “Ruth Guimarães, - parenta minha; e uma das pessoas mais simpáticas que já encontrei na vida; e que escreve como uma fada escreveria, - com o grato apreço e a amizade do Guimarães Rosa. Rio, 11.VII.56” (Revista Ângulo, 2014, p. 93).

ral - **Uma escritora negra que triunfa**, publicada na **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 25/1/1947 -, o jornalista indaga se ela tem algum livro em preparo e, para surpresa nossa, ela responde: - "Tenho muita coisa em preparo, mas o que vou publicar dentro em breve, é um livro de poesia, **Poemas**" (Guimarães, 2018, p. 192). Infelizmente, a aclamada escritora de **Água funda** não chegou, de fato, a publicá-lo. Verdade é que a vida de Ruth Guimarães tomou outros rumos e a publicação de seu livro **Poemas** ficou guardada nas gavetas do tempo ou se perdeu...

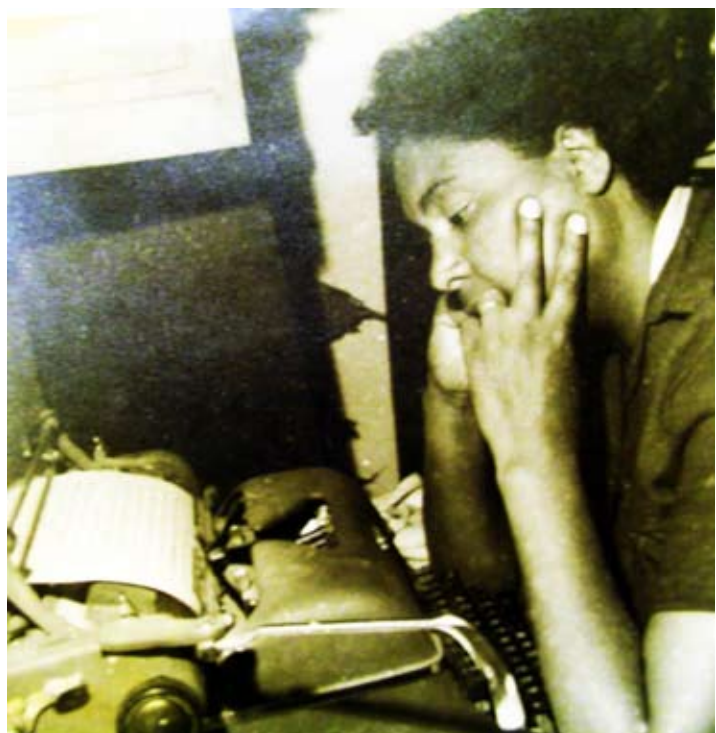
## OS CAMINHOS DA JOVEM ESCRITORA

Na esfera profissional, Ruth investiu em sua formação acadêmica: ingressou em 1947 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde se formou em Letras Clássicas em 1950. Nesse ano, frequentou dois cursos de pós-graduação na USP (Sociologia, com Roger Bastide, e Literatura, com Antônio Soares Amora) e, ainda, publicou **Os filhos do medo** (Globo, 1950). Esse seu segundo livro é uma ampla pesquisa sobre o diabo e todas as manifestações demoníacas no imaginário do homem valeparaibano e na tradição popular brasileira, obra que lhe concedeu um verbete no **Dicionário do Folclore Brasileiro**, de Câmara Cascudo e, também, na **Encyclopédie Française de la Pléiade**, sendo Ruth Guimarães a única escritora latino-americana a receber esta distinção. Uma década depois, em 1961, graduou-se também em Dramaturgia e Crítica pela Escola de

Arte Dramática, de Alfredo Mesquita.

Na esfera pessoal, ela se casou em março de 1949 com seu primo Zizinho, o jornalista e fotógrafo José Botelho Netto, amigo e companheiro de jornadas e pesquisas, e, constituíram uma numerosa família de poetas, jornalistas, escritores, educadores, fotógrafos: Marta, Rubem, Antonio José, Joaquim Maria, Judá, Marcos, Rovana, Olavo e Júnia.

Além dos encargos domésticos despendidos ao marido e à educação dos filhos, na esfera profissional, Ruth Guimarães dividia-se (ou multiplicava-se?) entre os trabalhos de tradutora e de professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e, em paralelo, como professora de francês na Aliança Francesa de São Paulo, de grego na Universidade de Taubaté, de Folclore na Faculdade de Música Santa Cecília, em Pindamonhangaba, de Psicologia da





Arte e Literatura Latina nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, em Lorena, de Literatura Brasileira e Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cruzeiro e, ainda, de Estudos de Problemas Brasileiros na Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena.

Isso sem mencionar a criação da Academia Cachoeirense de Letras, a criação do Museu de Folclore Valdomiro Silveira, da Guarda Mirim de Cachoeira Paulista e sua participação ativa no 1º Congresso Brasileiro de Folclore, da Sociedade Paulista de Escritores, da União

Brasileira de Escritores, do Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, da Comissão Estadual de Folclore, dos Festivais de Folclore de Olímpia e, também, de Membro Titular do Instituto de Estudos Valeparaibanos. Esse seu engajamento na cultura popular valeparaibana e brasileira concedeu-lhe um lugar de referência no folclore nacional.

## RUTH ESCRITORA

Junto às atividades em prol da docência, do fomento à cultura valeparaibana e ao folclore, Ruth Guimarães cultivava o espírito inquieto dos pesquisadores natos, destes que são dotados de um vigor intangível e de uma busca mais que humana em favor do seu objeto de estudo e, no caso dela, a busca pelas pepitas de ouro da cultura caipira, da sabedoria popular de nossa gente, como ela mesmo expressa no prefácio de *Lendas e Fábulas do Brasil*, “recolhendo entre o povo, assim como quem recolhia ouro, no tempo em que o havia” e, também, em sua expressão de síntese, nos anos finais de sua vida, durante a entrevista concedida ao jornal da União Brasileira de Escritores: “A minha literatura é regionalista, porque eu sou caipira. O escritor regionalista tem que ser uma pessoa do povo, que vive o que o povo vive, e que tenha burilado sua linguagem a ponto de ser capaz de transmitir com fidelidade e apuro linguístico a maneira de pensar e de viver do homem do povo” (Revista *Ângulo*, 2014, p. 107).

Em **Contos de Cidadezinha**, Ruth escreve “Duas Palavras” na introdução

da obra e nela tece a síntese de seu carisma literário regionalista e declara: “Eu conto histórias para quem nada exige, e para quem nada tem. Para aqueles que conheço: os ingênuos, os pobres, os ignoros, sem erudição nem filosofias. Sou um deles. Participo do seu mistério. Essa é a única humanidade disponível para mim. Quem me dera escrevesse com suficiente profundidade, mas claramente e simplesmente para ser entendida pelos simples e ser o porta-voz dos seus anseios” (Guimarães, 1996, p. 4).

Como porta-voz dos anseios do povo simples e garimpeira de causos populares, durante trinta anos, Ruth Guimarães dedicou-se a investigar as ervas e raízes medicinais, preparando uma enciclopédia em 12 volumes sobre **Medicina Natural**, que seria lançada pela Edart Editora. Grande parte desse material encontra-se inédita no espólio literário deixado, com descobertas e surpresas. De modo análogo, ao terminar a mais completa pesquisa sobre Pedro Malazartes, o herói mitológico popular brasileiro, reuniu esses estudos numa obra publicada em 2006 sob o título **Calidoscópico: a saga de Pedro Malazartes**.

Outras obras, fruto desse espírito inquirista de que Ruth era dotada, constam de sua produtiva bibliografia: a **Coleção Grandes Vocações; Mulheres Célebres; Mães, na lenda e na história; Líderes Religiosos; Lendas e Fábulas do Brasil; O Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira e Grandes Enigmas da História** e, nos últimos anos de vida, idealizou uma pesquisa em parceria com Dr. Raul Cutait<sup>4</sup> sobre causos caipi-

ras intitulada **Mil Histórias Populares do Vale do Paraíba** que, infelizmente, ela não teve tempo de concluir.

## RUTH JORNALISTA

A partir de sua estreia como romancista e, também, da repercussão nacional e internacional dos **Filhos do Medo**, a jovem escritora se via rodeada dos mais elogiosos comentários e das mais animadoras referências. No círculo de escritores, de críticos literários e, sobretudo, da imprensa, Ruth Guimarães conquistou uma situação privilegiada de admiração e respeito. Graças ao seu talento e ao seu conhecimento sobre cultura popular e folclore, reportagens de renomados jornais e revistas do cenário editorial brasileiro foram solicitadas a ela e publicadas no decorrer dos anos de 1947 a 1969.

Em algumas dessas publicações<sup>5</sup>, Ruth contou com a parceria do fotógrafo e, também, seu marido, Botelho Netto. Na **Revista do Globo**, publicou **Vida e morte de Pedro Malazartes** (1947), **Os Congueiros de Atibaia** (1948) e **Jeca Tatu vem a São Paulo** (1949); em 1950, escreveu sobre **A Congada de Santa Isabel** para o **Correio Paulistano**; já para o **Jornal de Notícias**, de São Paulo, assina, em 1951, a matéria **Monteiro Lobato e o Saci**; na **Gazeta, de São Paulo**, publicou três matérias - **Assim se fazem os santos** (1953), **Coisas do Folclore Brasileiro** (1954) e **Festas e Tradições de São Paulo** (1955); para o

---

Paulista de Letras, Cadeira nº 30.

<sup>5</sup> Reportagens de Ruth Guimarães disponíveis nos endereços eletrônicos dos respectivos jornais e revistas em que foram publicadas ou, podem ainda ser encontradas, na Biblioteca Amadeu Amaral da Funarte (IBAC/CFCP).

<sup>4</sup> Médico do Hospital Sírio Libanês e Membro da Academia



**Diário de São Paulo**, escreveu **Danças populares do Vale do Paraíba** e **O diabo no folclore brasileiro** (1948), **A segunda morte do caiapó** (1953) e, também, **Atitudes de folclorista** (1958); para o **Correio**, de Cachoeira Paulista, em 1951, assina duas matérias, **Um conto folclórico** e **Nótulas folclóricas**; para o jornal **Folha de São Paulo**, publica **Dois dedos de prosa** com o intelectual do ano, matéria referente à sua entrevista com Érico Veríssimo, agraciado com o troféu Juca Pato, da União Brasileira de Escritores (1968); e, para finalizar, para uma edição especial da revista **Quatro Rodas** escreveu três matérias, que lhe pediu o redator-chefe, Audálio Dantas: **Os capitães de areia**, **A cerâmica que vem da Bahia** e **A terra do cacau**. (Ano X, nº 112-A, 1969). A lista é mais ampla, porque devemos incluir vários contos e crônicas publicados pelo jornal **A Semana**, entre 1947 e 1950, artigos na **Atlântico: Revista Luso-Brasileira**, de Lisboa, entre 1948 e 1950, coluna de crítica na seção Rodapé Literário, do jornal **Correio Paulistano**, entre 1948 e 1951 e matérias para a revista da Associação Brasileira de Escritores - ABDE. Não foi possível levantar uma lista completa, porque muita coisa foi perdida nas muitas mudanças de cidade que a família teve que empreender.

## RUTH TRADUTORA

Grande Ruth! “Traduzir de Apuleio a Balzac e Dostoiévski, não é tarefa que se possa desconhecer”, afirma Olga de Sá em seu artigo **A bruxa de Cachoeira Paulista** (**Revista Ângulo**, 2014, p.

122). O domínio do latim, do grego e do francês, oriundos de sua formação em Letras Clássicas, permitiu-lhe traduzir: **Histórias Fascinantes**, de Honoré Balzac, 1960; **Os Mais Brilhantes Contos de Dostoiévski**, 1966; **Contos de Dostoiévski**, 1985; **Contos de Alphonse Daudet**, 1986; **Contos de Balzac**, 1986; **Os Melhores Contos de Alphonse Daudet**, 1987; **Contos de Balzac**, 1986; **Os Melhores Contos de F. Dostoiévski**, 1987; **Os Melhores Contos de Balzac**, 1988; **A Mulher Abandonada** e **Outros Contos de Balzac**, 1992; **Histórias Dramáticas**, de F. Dostoiévski, s.d.; **Noites Brancas** e **A Árvore de Natal**, de Dostoiévski, s.d.; **O Asno de Ouro**, de Lúcio Apuleio, s.d.; **A Dama das Camélias**, de Alexandre Dumas Filho, s.d.; e, ainda, do italiano, traduziu **A Corrente**, de Clara Cartas, s.d..

Ave, Ruth! Nós saudamos em você essa sua força desmedida em prol da literatura regional e, com essas traduções, o trabalho incansável de suas mãos, por mais de três décadas, para trazer à literatura nacional obras tão célebres da literatura estrangeira!

## RUTH CRONISTA E CONTISTA

O ofício de cronista teve início no auge de sua juventude, nos idos de 1948, tempo em que já eram registradas crônicas de Ruth Guimarães no jornal **A Notícia**, de Cachoeira Paulista. Posteriormente, entre 1963 e 1968, ela escreveu crônicas semanais para o jornal **Folha de São Paulo**, alternando-se durante a semana, com Cecília Meirelles, Pe. Vasconcelos e Carlos

Heitor Cony. Ao total foram quase trezentas publicações, com o resgate de tipos populares, usos e costumes, flagrantes do cotidiano de vários lugares do Brasil<sup>6</sup>. Ruth também escreveu histórias infantis para o Suplemento Folhinha, tratando de temas e heróis genuinamente brasileiros.

Suas crônicas semanais no jornal joseense **ValeParaibano** fizeram história no período em que foram publicadas - abril de 2010 a fevereiro de 2013 -, e, dado o incontestável valor cultural que esse acervo de aproximadamente duzentos artigos representa para o conjunto de sua obra, é imperativo que sejam compiladas e publicadas, tendo em vista a indubitável riqueza que a edição de suas últimas crônicas representa para o Vale do Paraíba e, de modo especial, aos pesquisadores de suas obras.

Conhecidora profunda da cultura popular brasileira e, sobremaneira, uma autoridade nos estudos do folclore, Ruth Guimarães deixou-nos um legado literário de inigualável valor em relação à cultura valeparaibana. Dado esse reconhecimento, em 1991, Ocílio Ferraz publicou, pela Fundação Nacional do Tropeirismo, o caderno de **Crônicas Valeparaibanas**, com uma seleção de antigas crônicas de Ruth Guimarães. Uma de suas crônicas ilustra à maravilha a prosa poética de Ruth Guimarães. Refiro-me à **É julho**, cuja narrativa, da primeira à última palavra, revela-nos como a escritora foi tecendo, parágrafo por parágrafo, a sua rede invisível de

prender nossa alma e nossa coração, a sua mais delicada teia, a sua poesia (Revista Ângulo, 2014, p. 140):

[...] Na chácara o sol se levanta cedo. Às sete da manhã já está de fora, gloriamente, acabando de esfiapar um resto de neblina. E se reclinava sobre a mangueira feliz, reverdecida, tonta. Quem o anuncia é a corruíra, que fez um ninho complicado nos ramos do maricá, depois que brigou com a pitangueira.

É julho. Jamais esmaece o verde da grama. Jamais esmaece o verde-oliva das laranjeiras cheirosas. Jamais esfria o raio de sol. Jamais empalidece o azul cobalto do sol. Jamais entristece a cançãozinha clara do Paraíba, murmurante entre as pedras, todo revestido de luz. [...]

A teia poética de Ruth Guimarães se estende também ao seu refinado trabalho de contos. O primeiro parágrafo de A história besta de Manelão, publicado em **Contos de Cidadezinha**, revela-nos o poder da prosa poética ruthiana no linguajar dessa gente de Santo Antônio da Bocaina que ela, graciosamente, vai tecendo e prendendo o leitor até o final da “história besta” – como ela mesmo diz! - de Manelão e Lindoca: ele, um “negro, preto até o beíço” e, ela, uma “mulatinha sarará” (Guimarães, 1996, p. 25 - 31):

Manelão tinha um pé que parecia uma barca. Botava o balaio nas costas, botava o dedão no barro vermelho, viajero que era uma desgraça, e ia pra cidade vender frango e rapadura. Ninguém não via Manelão em Santo Antônio da Bocaina,

<sup>6</sup> O acervo pode ser consultado em <http://acervo.folha.com.br/fsp>

sem ser no sábado, vendendo de porta em porta; domingo de manhã, no mercadinho, negociando; e de tarde, meio alegre, com um trago bom de branquinha, no botequim do Macedo. Isso, de andar de porta em porta, foi coisa que nunca deu certo. Manelão, com sua via sacra, lá dele, acabou se engraçando com Lindoca, mulatinha sarará, cria da casa dos Pachecos; e virava do lado dela, de cada vez que passava, uns olhos melados de carneiro na agonia. Ora, sebo, pro Manelão! E foi um dia, ele calçou a ringideira quarenta e quatro, pôs o lenço de pintas no pescoço, preso por um anel, escovou o chapéu e vestiu o paletó de brim claro, cinturado. Era domingo. Ele não bebeu o trago de branquinha para não cheirar e foi falar com Dona Mariquinha do seu Pacheco, que era madrinha da moça.

Em síntese, Ruth publicou suas crônicas e seus contos em jornais, revistas, livros de sua autoria, e, a partir da década de 1970, dedicou-se com afinco à literatura infantojuvenil.

## RUTH E SUA OBRA INFANTOJUVENIL

As obras de Ruth Guimarães destinadas ao universo infantojuvenil também advêm de sua alma de investigadora das pérolas da memória coletiva, de modo especial, das lendas e fábulas dos contos tradicionais brasileiros, que ela colheu, aqui e acolá, “no meio rural, nas cidades pequenas, entre gente analfabeta, que jamais leu um livro, que jamais ouviu falar de livro, a não ser da Sagrada Escritura”, como ela mesmo

expressou no prefácio de **Lendas e Fábulas do Brasil**.

Antes de publicar suas **Lendas e Fábulas do Brasil** (1972), certamente, Ruth contou-as aos filhos, aos alunos e aos amigos nas rodas de conversa das tão aclamadas noites juninas de fogueira de sua ‘chacrinha’ em Cachoeira Paulista. Com essa obra, Ruth pretendia entreter e educar as crianças e, principalmente, perpetuar as histórias de seu povo. O número de edições e os caminhos editoriais que sua primeira obra destinada ao público infantojuvenil percorreu comprovam: as lendas e as fábulas contadas por Ruth Guimarães conquistaram leitores mirins e educadores e têm circulado por nosso Brasil desde então<sup>7</sup>.

Já as pesquisas sobre os contos folclóricos brasileiros, compilados por Ruth em todo o território nacional, foram publicadas em **João Brandão e Outras Histórias e as das fábulas brasileiras**, destinadas especialmente às crianças, aos educadores e pesquisadores da área, por ela intitulado projeto “Macunaíma”, contemplavam a publicação de dez livros: **Histórias de onça; O compadre Jabu; A cobra grande; Pagaio real; Macaco, olha o teu rabo!; A pressa da preguiça; Sapo foi-não-foi; A esperteza do coelho; O boi, o burro e os cavalos; Curupira, o pai dos bichos**. Com essa sua preciosa coleção de fábulas do folclore brasileiro, Ruth tinha por sonho um objetivo de valor cultural ímpar: “procurar abrasileirar o conhecimento dos jovens e divulgar em linguagem culta a fala valeparaibana, que é de uma vale histórico e que se trata de uma

<sup>7</sup> Publicado pela Editora Cultrix/MEC em 1972, a obra ganha duas reimpressões do Círculo do Livro, em 1989 e 1993; e, em 2019, foi reimpressa pela Editora Letra Selvagem.

região muito familiar para nós, que a conhecemos inteira e somos parte dela” (Guimarães, 2011, p. 55).

Em 2008, Ruth, finalmente, deslumbra a realidade sonhada: **Histórias de Onça e Compadre Jabu: Histórias de Jabuti** foram editadas pela Editora Usina de Ideias, que contemplava ainda a publicação de outros sete títulos de seu projeto “Macunaíma”<sup>8</sup>. Infelizmente, a editora sucumbiu à crise econômica, e o precioso material de pesquisa dessa referência autoral do folclore brasileiro, fruto de décadas de estudo e pesquisa, permanece praticamente inédito.

É importante ressaltar que **Histórias de Onça** foi contemplado por uma edição especial do Centro de Estudos da Cultura Popular da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos, em singular reconhecimento e homenagem à folclorista valeparaibana, tendo sido o 13º volume da coleção *Caderno de Folclore* (2011).

O arte-educador popular Daniel D’Andrea, no prefácio de **Compadre Jabu: Histórias de Jabuti** (2008), apreende o valor indiscutível desse trabalho de Ruth Guimarães de preservação e partilha dos contos folclóricos universais às novas gerações e assim os declara: “dos contos viajados no tempo e no espaço que, com vestes tipicamente brasileiras, se refrescam nos ares do Vale do Paraíba para continuar sua eterna caminhada pelo mundo”.

Tal visão literário-pedagógica de difusão dos contos folclóricos às novas ge-

rações está explicitada por Ruth Guimarães no prefácio de **Histórias de Onça** (2008): “Que continuemos, pois, a contar, ler e narrar contos folclóricos universais, pois que pertencem indestrutivelmente também a uma universalidade do ser. Mas que conheçamos primeiro ou conjuntamente as histórias brasileiras que nos integrarão à nossa cultura, ao nosso pensar, agir, sentir e fazer de brasileiros. Eles constituem ações profundas, verdadeiras e indispensáveis de brasilidade”. Tudo isso deve nos levar a reflexões mais profundas sobre a importância ontológica e filosófica dessa valorosa pesquisa sobre o folclore que não pode, jamais, ser deixado à deriva do esquecimento.

Essa bandeira da cultura popular que Ruth empunhou e difundiu com sua obra literária, ganhará outros títulos deixados inéditos no espólio da escritora - **Contos Africanos, Contos de Índios, Contos de Encantamento e Contos do Céu e da Terra** - e que a Faro prepara o lançamento para o aniversário de 100 anos de Ruth Guimarães - 13 de junho de 2020.

## RUTH POETA

Desse manancial literário que Ruth Guimarães nos legou, mais de cinquenta títulos produzidos e publicados ao longo de quase sete décadas de sua profícua produção literária (1946–2014), fruto de seus estudos, pesquisas, escrita e reescrita, revisão e publicação de suas obras, indaga-se: em que prateleira da estante da vida da renomada escritora brasileira ficou guardado o livro **Poemas**

<sup>8</sup> *Histórias de Macaco, Histórias de Sapo, Livro da Bicharada, Histórias de Cobra Grande, Histórias de Papagaio, Histórias de Coelho e Histórias de Curupira.*

da jovem valeparaibana?

Como ela mesmo escreve em **Água funda** (2018, p. 53): “a gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada. E quando alguém mexe com um varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância. Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez”. Pois, poeta que sou e profunda admiradora do legado literário de Ruth Guimarães, peço licença à mestra, para mexer na sua produção poética e turvar a correnteza do rio de sua vida a fim de trazer à luz dos nossos dias, o sonho de 1946, quem sabe, submerso no fundo de suas águas cristalinas: a sua poesia!

Da recente pesquisa biobibliográfica de Ruth Guimarães, pode-se afirmar que, antes mesmo dos romances, dos contos, das crônicas, das reportagens, dos artigos, da crítica literária para diversos jornais e revistas, das pesquisas folclóricas, das traduções por ela realizadas, dos livros infantojuvenis, o espírito da escritora Ruth Guimarães foi habitado primeiro pela poesia.

Na entrevista concedida a Nelson Vainer (Guimarães, 2018, p. 191), Ruth rememora o final de sua infância, as lembranças das tarefas e composições solicitadas pelos professores do grupo escolar e de como ocorreram seus primeiros escritos e as primeiras publicações de seus versos nos jornais da sua Cachoeira Paulista de 1930:

(...) Engraçado, não tinha vontade de escrever quando era menina... só se me amarrassem na cadeira, porque era muito sem modos. As tarefas da escola mesmo, fazia às vezes. Só no

quarto ano do Grupo Escolar que comecei a fazer composições. Algumas saíram muito compridas, cheia de adjetivos, mas saíam naturalmente, sem outro objetivo que o de tirar boa nota. Um dia, numa festa escolar, tinha declamado uns versos de Olegário Mariano. A música dos versos ficou na minha cabeça uma porção de tempo e um dia, lembrando-me mais particularmente da casa-grande da fazenda onde passei a primeira infância – de três a oito anos –, escrevi também uns versinhos muito sentidos e muito chorosos sobre a minha casa.

- Foi então que se revelou seu talento literário?

- Acho que sim. Se não, eu não teria tido coragem de levar esses versos à redação do jornalzinho local.

- E foram aceitos?

- Tive que esperar toda uma semana para sabê-lo. Chegou o domingo. Milagre dos milagres: os meus versinhos de pé quebrado estavam na primeira página, com umas vinhetas torcidas em volta. E na outra página vinha a história da minha ida à redação e grandes cumprimentos à “inteligente menina do nosso grupo escolar” e outras coisas mais, das quais não me lembro.

Esses primeiros versos de Ruth Guimarães lhe ocorreram aos dez anos de idade, quando ela ainda residia na casa dos avós maternos, na “chacrinha”, em Cachoeira Paulista (ela perdeu o pai aos nove anos e a mãe aos dezessete), e publicou-os nos jornais locais, **A Região e A Notícia** (Guimarães, 2018, p. 197).

A “menina grisalha de Cachoeira Paulista” ao ser eleita, aos 88 anos, para

a Academia Paulista de Letras - APL, no caloroso discurso de apresentação da ilustre escritora valeparaibana, o acadêmico Paulo Bomfim enaltece o legado de Ruth Guimarães à Literatura Brasileira e reitera: “Ruth: há sessenta anos esta casa é devedora de você. A partir do lançamento de **Água Funda**, seu livro inaugural, a Academia Paulista de Letras é porto aguardando a sua chegada” (Revista **Ângulo**, 2014, p. 128).

No aclamado discurso de posse da escritora “porta-voz dos anseios do seu povo simples” daquela memorável noite, Ruth, em sua saudação a Guilherme de Almeida, um de seus antecessores na Cadeira de Número 22 da Academia Paulista de Letras, pede licença aos confrades, familiares e amigos, para contar “num instantinho uma outra história - que é meu pecado e minha sina ser contadeira de histórias” -, fato este que transcrevo a seguir pois muito corrobora para nossa investigação sobre a poesia de Ruth Guimarães (**Revista Ângulo**, 2014, p. 125 – 127):

Pois quando eu nirvanamente adolescia às margens do rio Paraíba, foi-me dado ler Guilherme de Almeida, e me danei a perpetrar uns versos, iguais ou quase, assim me parecia, ao do então novo príncipe dos poetas brasileiros. (...) Ainda sei até hoje:

#### **Soneto XXV**

O nosso ninho, a nossa casa, aquela nossa desprentensiva água-furtada, tinha sempre gerânios na sacada e cortinas de tule na janela.

Dentro, rendas, cristais, flores... Em cada

canto, a mão da mulher amada e bela punha um riso de graça. Tagarela, teu cenário cantava à minha entrada.

Cantava... E eu te entrevia, à luz incerta,  
braços cruzados, muito branca, ao fundo,  
no quadro claro da janela aberta.

Vias-me. E então, num súbito tremor, fechavas a janela para o mundo e me abrias os braços para o amor!

#### **PEÇO QUE OUÇAM AGORA, ESTE OUTRO POEMA.**

Da janela entreaberta, de onde a graça  
Da primavera desertou contigo,  
Contemplo a gente que depressa passa,  
Sem saber deste amor que é o meu castigo.

Não posso te esquecer, por mais que faça,  
A paz da indiferença em vão persigo.  
Dá-me o destino, que os caminhos traçam  
A saudade que dói, mas que bendigo.

Há de cessar este meu pranto. E um dia,  
Se passares por mim, oh! Fugidia  
Miragem do meu sonho, sem me ver,

Não inquietes minha alma, pois que o breve  
Romance terminou. Pisa de leve!  
Tu que passas por mim, sem me querer.  
Engana, não é? A métrica e o arranjo estão perfeitos. E as rimas nos lugares

certos. Pois não vale nada, este segundo poema. É meu. De tanto copiar, decorar, declamar, eu não sabia mais o que era meu ou o que era de Guilherme de Almeida. Resolvi não escrever mais nem o meu nem o dele. E assim, por influência desse grande poeta, era uma vez a poetisa que se acabou.

Diante dessa memorialística confissão, indago: Será que a poesia de sua juventude, de fato, se acabou? Retomo uma passagem do seu romance **Água funda** para afirmar que a poesia de Ruth Guimarães encontrou em sua prosa um outro modo de se expressar: “Agora não se ouve mais o pim-pão do monjolo, batendo de noite e de dia, chuáááá-pam, com o impulso da água. A companhia mandou represar o ribeirão dos Mota, tirou o monjolo e botou um moinho no lugar dele. Fica na direção desta janela” (Guimarães, 2018, p. 25).

Creio que, ao se dedicar à sua formação acadêmica e à escrita de seus livros, aos filhos e ao marido, e, ainda, às diferentes frentes de trabalho, Ruth não ouviu mais o “pim-pão do monjolo” a ditar-lhe os saudosos poemas da infância inspirados em Olegário Mariano nem os modestos sonetos inspirados em Guilherme de Almeida. Tenho por mim que a literatura regional “mandou represar o ribeirão de poesia” da vida daquela jovem escritora, tirou o humilde “monjolo” de seus versos e “botou um moinho no lugar dele”. Era preciso! De poetas o Brasil estava bem servido, e os poetas eleitos de Ruth não nos deixam

mentir: Manuel Bandeira, João Cabral de Mello Neto, Carlos Drummond de Andrade, Ascenço Ferreira, Jorge de Lima, entre outros. Mas de uma Ruth Guimarães, não! Era preciso que a poetisa, a romancista, a “fada da literatura” olhasse para a direção de outra janela, para sua verdade maior, aquela à que Ruth tinha vindo: o folclore e a cultura popular.

Em entrevista<sup>9</sup>, Joaquim Maria Botelho - filho de Ruth Guimarães -, nos conta que “em algum lugar da alma de Ruth Guimarães, a poesia ficou guardada, muito bem guardada, só para o deleite de sua alma”. Ele nos revela ainda que sua mãe parou de escrever poemas por volta da década de 1980. Se escrevia, escrevia ocasionalmente um ou outro poema confessional e os guardava. Na concepção dele, sua mãe não tinha nenhum interesse de reuni-los nem de publicá-los. Na verdade, essa lacuna de mais de quatro décadas em que Ruth Guimarães privilegiou a prosa e as pesquisas folclóricas foi permeada por alguns poemas, aqui e acolá, que os filhos têm encontrado no espólio da escritora e, à revelia do consentimento materno, autorizaram a publicação de onze deles na edição especial da **Revista Ângulo** dedicada à autora (2014, p. 99 – 101).

No breve comentário que os precede, Joaquim Maria Botelho apresenta dois esclarecimentos de cunho biográfico muito pertinentes às razões que teriam levado sua mãe a dedicar-se,

<sup>9</sup> Via telefone, no dia 18 de abril de 2020.

majoritariamente, à prosa e não se notabilizar por sua produção poética: “Ruth Guimarães costumava dizer que todo mundo escreve poemas na juventude, mas só é poeta mesmo quem continua escrevendo poesia depois dos 21 anos”; e, ainda, “de certo modo, ela concordava com Sartre, que considerava a prosa o império da literatura – poesia, para ele, era aparentada com a pintura e com a música. Aí está: Ruth – e não só na poesia – é musical. Seu texto tem o ritmo firme dos batuques e suave das cítaras. Guarda mistérios, louva o belo, e participa do coro dos anjos” (**Revista Ângulo**, 2014, p. 99).

Foi, pois, pelo encantamento despertado pelas notas e pelos acordes de uma música que o maestro Luciano Antonio Carvalho<sup>10</sup> compôs para o poema **Estrela**, de Manuel Bandeira<sup>11</sup>, que a nonagenária Ruth Guimarães encontrou destino para os versos que escreveu, aqui e acolá, durante o tempo em que ela esteve enredada com os afazeres de mãe, de esposa, de escritora, de defensora da cultura popular valeparaibana: “Era isso que eu queria fazer com os meus poemas”, ela confia ao maestro. E, num gesto de total desprendimento, deu-lhe - de presente! - a pasta com seus poemas para que, um dia, ele pudesse musicá-los.

“O que havia nessa pasta?”, indagou eu ao maestro. Ele me conta que

<sup>10</sup> Graduado em Composição e Regência pela Unesp – São Paulo, o Maestro Luciano Antonio Gonçalves concedeu-me entrevista por telefone no dia 29 de abril de 2020.

<sup>11</sup> A composição “Estrela” para o poema de Manuel Bandeira é uma peça para voz e piano, interpretada pela soprano Martha Herr e pela pianista Scheilla Glaser. Disponível em <https://youtu.be/EO-bMEs89w>, acesso em 30/4/2020.

nela havia um tesouro de incalculável valor: sete poemas intitulados **Cantigas de ingênua ternura**, datilografados em folhas de sulfite, sendo alguns revisados à mão pela própria autora, e, ainda, alguns ensaios sobre o Curupira, tema de seu interesse de estudo e, que Ruth, generosamente, também lhe ofertou. Diz-me ele que são poemas de rara beleza, certamente, escritos para o marido dela, José Botelho Netto (1921 – 2001), nos anos finais da vida dele.

No adiantado de nossa prosa, o maestro contou-me que precisou de um tempo maior de estudo sobre a obra ruthiana e, diante do “nível de exigência muito alto” de tudo o que ele leu, foi necessário um certo amadurecimento pessoal para que pudesse compor as músicas para aqueles versos tão sublimes. Por isso, o seu profundo sentimento ao fato de Ruth Guimarães não ter tido oportunidade de ouvir as canções que ele compôs para três poemas de suas **Cantigas de ingênua ternura: Os dois corações que estão trocados, Andante tranquilo e Esta beleza**.

Desde 2017, ele tem trabalhado com afinco nas composições e nos arranjos, a fim de gravar um álbum só com as canções das cantigas de Ruth Guimarães. Essa belíssima obra de parceria, às vistas de ser lançada durante as festividades do centenário de nascimento de Ruth Guimarães - previsto para o mês agosto de 2020, em Cachoeira Paulista - promete revelar-nos a poesia de Ruth Guimarães sob uma outra dimensão, a lítero-musical.

Os primeiros trabalhos do maestro Luciano Antonio Carvalho, apresenta-



dos em eventos do Instituto Ruth Guimarães, estão postados nas redes sociais e já podem ser apreciados nos vídeos disponíveis ao público<sup>12</sup>. Como bem disse Joaquim Maria Botelho, a poesia de sua mãe “tem o ritmo firme dos ba-tuques e suave das cítaras”; pois foi exatamente esse “mistério” que o maestro soube apreender e nos brindar. Por ora, ele abre uma fresta da janela da alma de Ruth Guimarães e nos concede um presente de inigualável valor:

#### Os dois corações que estão trocados

Só, como um triste peregrino,  
eu vim de rastros, sem destino,  
e te encontrei na encruzilhada.  
Desde esse dia, por onde ando,  
Segue comigo esta jornada.

com lábios ternos suavizando  
minha penosa caminhada.

Em nossas ânsias e tristezas  
nossas carícias são defesas,  
e, nós, juntinhos, nos refolhos,  
desse viver sereno e lasso,  
não vemos cardos nem abrolhos.

Tenho o meu braço no teu braço,  
tens os teus olhos nos meus olhos.

Nós vamos. No trilho estreito,  
teu coração bate em meu peito

e o meu no teu bate. Coitados!  
Que restará, se algum se cansa?  
Temos assim, despreocupados,

Apenas cheios de esperança,  
dois corações que estão trocados.

Essa **Cantiga de ingênua ternura** conduz-nos a refletir sobre a história de amor vivido por Ruth e Zizinho. Juntos, eles escreveram suas histórias de primos, de grandes amigos, de companheiros de longa jornada. História que se traduz nas poesias de Ruth para Zizinho e, também, no registro fotográfico histórico que José Botelho Netto fez do povo simples, de seus festejos e costumes, de seus utensílios e casario, das estradas de chão e das roças do Vale do Paraíba caipira de sua Ruth Guimarães (Revista Ângulo, 2015).

Uma amorosa parceria, uma longa história de vida amorosa que nos conduz a outro poema de Ruth Guimarães – **Itinerário** -, em cujos versos a escritora nos leva aos “corredores do tempo” do seu próprio caminho (Revista Ângulo, 2014, p. 100):

Pelos corredores do tempo  
eu fui,  
como se soubesse o caminho.  
Como se distinguisse o caminho.  
Como se houvesse um caminho.

E, sem saber de mim,  
continuamente  
retorno ao ponto de partida.

12 Vídeo do poema inédito de Ruth Guimarães Os dois corações que estão trocados. Disponível em <https://youtu.be/KeZW4oQDLk>. Acesso em 30 abr.2020.  
Andante tranquilo Luciano Antonio Carvalho canta Ruth Guimarães – ensaio. Disponível em <https://youtu.be/KeZW4oQDLk>, acesso em 30/4/2020.

E, no “ponto de partida” da jovem escritora de Cachoeira Paulista, na São Paulo dos idos de 1946, encontramos um depoimento de Ruth para uma entrevista concedida por ela ao Jornal de São Paulo, intitulada **Ruth Guimarães, a revelação literária de 1946**, em que a romancista, benquista pelo público e elogiada pela crítica, expressa sua gratidão aos dois grandes responsáveis pela sua apresentação aos escritores e críticos literários da época e, para mister do objeto da presente pesquisa, como a “menina espeloteada e petulante” que chegou em São Paulo órfã de pai e de mãe para trabalhar, estudar e prover os irmãos mais novos, conseguiu a publicação de seu primeiro poema na imprensa da capital paulista (**Revista Ângulo**, 2014, p. 10-11):

Nem bem cheguei a São Paulo me desdobrei em atividade. Fiquei excepcionalmente trabalhadora. Arranjei emprego num escritório do Largo do Arouche e, aí, um dia, sem mais nem menos, apanhei uns papéis e fui levar ao Cid Franco. Fiquei toda palpitante de ansiedade, esperando o veredito dele. Você pode calcular o que ele me disse? Levantou os olhos da papelada, muito tranquilamente, cumprimentou, mandou-me sentar, olhou outra vez para os papéis, olhou para mim muito sério e perguntou: “quantos anos você tem?” E me mandou ao Edgard Cavalheiro. Na saída, falou: “Se você estudar, penso que vai longe. Esse amigo que você vai ver é um crítico. Ele vai ajudar você.” Abençoado Cid Franco e abençoado

Edgard Cavalheiro. Nunca precisei de Edgard que ele não estivesse à minha disposição todo sorridente. “Vamos ver, agora. Que é que você quer?” Geralmente nada fazia, mas animava, parecia que levava a sério o que eu escrevia, não ensaiava para dizer que isso ou aquilo não prestava, e foi o primeiro a publicar versos meus, no antigo “O Roteiro”. E note-se que eu era de um atrevimento insuportável e malcriada a mais não poder.

A história da poesia publicada no “O Roteiro”, a primeira publicada aqui em São Paulo – diz Ruth – agora nos faz rir, de tão boba, mas quase me fez chorar. Primeiro de alegria. Depois... Foi assim: o Edgard telefonou avisando que havia aparecido um poema meu no jornal, e foi até lá, no Largo do Arouche, levar um jornal para mim. Fiquei contentíssima. Passei o dia todo desejando ir para casa. Levei o jornal dobradinho, mas quando passei pela Praça da República, lembrei, de repente, que não havia ninguém a quem eu gostasse de mostrar o jornal, e me senti isolada, louca por ter feito tanta bobagem, e não sabia nem o que fazer. Tinha alcançado de um certo modo, o que queria e sabia que seria como eu quisesse, até que quisesse, mas não sabia o que eu tinha nas mãos.

Ave, Ruth! Desde que li essa sua confissão, sabedora que sou do pequeno quartinho que você alugava para morar numa pensão, sem ter a quem mostrar o seu primeiro poema publicado num jornal de renome da capital

Paulista, fiquei matutando sobre o itinerário de sua poesia na história de sua vida. Desde então, fiquei a espiar pela janela de seus livros e dos artigos de jornais, fiquei a escutar suas histórias na voz memorialística de seus filhos e de seus amigos mais próximos, a fim de desvelar a poesia na sua vida.

Encontrei, grande Mestra! Não uma obra poética expressiva em número de produções como a do seu legado à Literatura Brasileira. Encontrei a sua poesia na prosa poética de *Água funda*, no “linguajar desavisado” de seus belíssimos contos e de suas inesquecíveis crônicas. Encontrei, também, os poemas com que seus filhos nos presentearam e as Cantigas de ingênua ternura que você presenteou o maestro Luciano.

Vê-se, querida Mestra, que a poesia sempre habitou a sua alma e nela encontrou um meio de permanecer viva e de nos encantar, como pedrinhas de luz que você foi deixando à beira de seus caminhos, sem nenhuma pretensão poética a não ser a de nos afetar. Afetar no sentido de suscitar sentimento, emoção, comoção. De nos enredar para a beleza e a humanidade esquecida na vida do nosso povo caipira, dos nossos irmãos valeparaibanos que, você, só você, soube louvar. E, nós, admiradores de sua poesia e pesquisadores de seu legado, seguimos esse lastro brilhante em busca das pedrinhas preciosas de seus versos no itinerário dos 93 anos de vida da menina poeta de Cachoeira Paulista. ■

